



PUC-SP

**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:  
HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

PROJETO DE PESQUISA

**PROCESSOS EDUCACIONAIS E CONECTIVIDADE**

**RESPONSÁVEL**

Profa. Dra. Ana Paula Ferreira da Silva

**EMENTA:**

Williams (2000), ao tratar sobre a história social da produção cultural, pontua que as mudanças nas relações sociais são mais visíveis quando usamos como parâmetro objetos e energias materiais não-humanas, ou seja, mudanças são mais perceptíveis quando tomamos as invenções como parâmetros de análise. No entanto, destaca que devemos voltar nossos estudos de modo a compreendê-los a partir dos seus usos e das suas manifestações e não cair na contraposição do material ao cultural, pois os meios de produção da prática cultural são materiais.

Uso e manifestação material estão na própria origem do termo “técnica”, que referia-se à arte de “saber fazer”. No entanto, no século XX, voltava-se à aplicação de teorias, métodos e processos científicos para a solução de problemas técnicos, reforçando a simbiose existente entre a técnica e a ciência” (SOUZA; OLIVEIRA, 2018, p.369).

A técnica atrelada à ciência trouxe a referência inquestionável de sua validade e de sua confiabilidade. Se por uma face a ciência passou a conferir certa neutralidade às técnicas e às tecnologias, por outro, atribuiu ao uso a responsabilidade por seus propósitos bons ou maus, ou seja, o juízo moral da decisão centre-se no ser humano após a invenção e não se questiona o porquê,



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:  
HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

**PUC-SP**

as intenções da criação, a necessidade (ou não) de variações, etc. Tratar o objeto desta forma implica considerar que é a “lei natural das coisas” que gera a demanda da criação, intensificando sua “neutralidade”. Contrapondo-se a essa perspectiva, Winner (2008, p. 67) afirma que é preciso “demonstrar de modo detalhado e concreto como as características e desenhos aparentemente inócuos [...] mascaram escolhas sociais de profunda importância”, pois a ideia de neutralidade encontra seus pilares nessas concepções que destituem o caráter político das criações humanas.

O século XX foi marcado pela ideia de que “os únicos meios confiáveis para melhorar a condição humana provinham das novas máquinas, técnicas” e que “existe um vínculo positivo sobre o desenvolvimento técnico e o bem estar humano, [bem como] que a próxima onda de inovações seguramente será a nossa salvação”. (WINNER, 2008, p.37).

A compreensão das manifestações e usos das tecnologias e inovações no século XXI, portanto, se faz necessária na medida em que são consideradas pelo discurso cotidiano como as responsáveis por criar o “novo mundo” e, portanto, tal como propõe Williams, é fundamental compreender as mudanças nas relações sociais a partir da produção de práticas culturais.

Tais inovações, cada vez mais, centram-se à conectividade e aos dados reunidos. As discussões sobre os “perigos” das redes seguem o caminho do uso e não necessariamente da compreensão sobre quais decisões políticas determinam a “invenção” de tais dados.

Como bem pontua Winner (2008, p.102), “a tarefa mais importante não é estudar os “efeitos” ou os “impactos” das mudanças técnicas, mas avaliar as infraestruturas materiais e sociais que criam as tecnologias específicas para a atividade de nossa vida.” Essa postura é fundamental pois “o artefato deve ser desenhado considerando tanto o hardware como os componentes sociais, de



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:  
HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

**PUC-SP**

maneira que se adaptem a uma noção articulada, propositalmente e amplamente compartilhada em uma sociedade digna de nosso cuidado e lealdade”.

Todas essas questões também estão presentes no cotidiano das instituições educacionais e nos processos de formação das crianças e dos jovens. É sobre o foco educacional que tal projeto de pesquisa de volta.

Como bem nos questiona Apple (1989, p.169) sobre o uso dos computadores nas escolas deveríamos antes de tudo responder “Onde usamos os computadores? Para que são usados? O que as pessoas realmente necessitam saber para usá-los? O computador melhora a qualidade de vida de alguém? De quem? Prejudica a vida de alguém? De quem? Quem decide quanto e onde deve-se usar os computadores?”

O exercício de pensar sobre essas questões nos coloca na condição de buscar os elementos que norteiam os aspectos políticos e ideológicos das tecnologias e das inovações no campo educacional.

Winner (2008) propõe o conceito de “mitoinformação” para nomear a convicção de que a adoção de computadores e seus sistemas de comunicação e informação produzirão, por si só, um mundo melhor. Soma-se aos argumentos políticos de que a sociedade sofre com a privação de informação e que ela é sinônimo de conhecimento; de que o conhecimento é poder; e que o aumento do acesso às informações vai melhorar a democracia ao igualar o poder social das pessoas. Os pressupostos desses argumentos consideram a centralidade da educação, ao afirmar que a alfabetização e os processos de escolarização garantiriam mentes bem formadas e que esses são, portanto, bens sociais inquestionáveis. A crítica proposta por Winner (2008, p.170) destaca três aspectos essenciais: há uma confusão entre o acúmulo de informações em si com as “habilidades disciplinadas para obter conhecimento e atuar de maneira efetiva sobre as bases



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:  
HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

**PUC-SP**

deste conhecimento”. O acesso a informações provenientes das experiências, das aprendizagens dirigidas por outras pessoas, dos meios de comunicação, entre outros, não corresponde ao que se espera da “sociedade do conhecimento”; Sobre o poder que o conhecimento possibilita, a crítica está no sentido político e social do poder: é possível saber exatamente o que deve ser feito, porém não há ferramentas sociais efetivas para se atuar; Finalmente, relacionar democracia à distribuição de informação é reduzir o trabalho conjunto das pessoas às recepções passivas de notícias que nos faz receber as últimas informações em nossos equipamentos eletrônicos e enviar instantaneamente uma resposta digitalizada.

Diante dessas análises Winner (2008, pp. 175-176) conclui que “a fórmula informação = conhecimento = poder = democracia necessita de fundamentação real. [...]O erro reside na convicção de que a informatização inevitavelmente levará a sociedade a boa vida. E ninguém terá que levantar um dedo”.

Todas essas discussões nos ajudam a construir o panorama do fetiche da neutralidade que as inovações e as tecnologias estabelecem de forma ampla com a educação. No entanto, cabe compreender também em que medida a ideia de neutralidade permeia as inovações escolares nesse início de século.

Diversos artigos reunidos na obra “Inovação educacional no Brasil: problemas e perspectivas”, publicado em 1980, ressaltam que as reformas educacionais dos anos de 1920 foram conduzidas a partir da premissa de que nosso sistema educacional não atendia às necessidades da sociedade urbano-industrial que se configurava em algumas capitais brasileiras. A escola, como instituição fundamental para a organização social, precisaria rever sua organização de modo a fomentar o progresso para que o país superasse o atraso.

No entanto, pesquisas como a de Warde e Ribeiro (1980, pp. 202-203) mostram que as inovações escolares – e especificamente a análise sobre o ensino



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:  
HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

**PUC-SP**

secundário – podem ter caráter conservador, atendendo aos interesses dos grupos dominantes. Essa análise contribui para desmistificar as relações sempre positivas que tratamos anteriormente. Do mesmo modo, as inovações educacionais também não tem a garantia, por si das condições necessárias tampouco a qualidade para o seu funcionamento. Esse aspecto relaciona-se ao que Winner destaca sobre a falácia de que o “conhecimento ser poder”. Os projetos em si não passam de possibilidades que dependem das formas concretas como serão efetivamente implementadas para que eventualmente possam se tornar práticas culturais.

Na mesma direção Apple (1989, p. 168) reafirma que “quanto mais a nova tecnologia transforma a sala de aula em sua própria imagem, tanto mais uma nova lógica substituiu a compreensão crítica, seja política, seja ética.” E complementa que “o discurso da sala de aula se centrará mais na técnica e menos no conteúdo. Mais uma vez o “como” substituirá o “por que”, mas desta vez do lado do estudante.

Dito de outro modo, na medida em que os computadores – e atualmente os smartphones e tablets – sintetizam os materiais necessários para as inovações educacionais, pois reúnem incontáveis software que prometem garantir todas as experiências e interações necessárias para a aprendizagem, os elementos essenciais para a perpetuação do fetiche da neutralidade estão postos. Os cursos de formação tratam sobre como preparar os professores para ensinar uma geração de alunos “hiperconectada” e, portanto, antes de qualquer discussão política sobre a produção da prática cultural está a necessidade de “saber usar”, reduzindo aquilo que é denominado como “impacto” às boas e más escolhas que as pessoas podem fazer dos recursos disponíveis.



**Pontifícia Universidade Católica de São Paulo**  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM EDUCAÇÃO:  
HISTÓRIA, POLÍTICA, SOCIEDADE

**PUC-SP**

Tal proposta de pesquisa objetiva estruturar algumas bases conceituais para compreender os aspectos políticos das tecnologias educacionais e seus desdobramentos no que tange os processos educacionais e conectividade.

A primeira etapa desta pesquisa prevê a organização sistemática das produções que tratam sobre as inovações educacionais relacionadas à conectividade, para que na segunda fase sejam empreendidas pesquisas empíricas para analisar e refinar tais questões no cotidiano escolar.